



RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 30/07/2028.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE MEDICINA**

MARIA LUÍSA BENTO ANTUNES

**INTERSEÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OBESIDADE NA
TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES EM ACOMPANHAMENTO
AMBULATORIAL**

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Botucatu, para obtenção do título de Mestre(a) em Saúde Coletiva.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Dinair Ferreira Machado
Coorientador(a): Prof(a). Dr(a). Luiza Cristina Godim Domingues Dias

**Botucatu
2026**

MARIA LUÍSA BENTO ANTUNES

**INTERSEÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OBESIDADE NA
TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES EM ACOMPANHAMENTO
AMBULATORIAL**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Medicina, Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de
Botucatu, para obtenção do título de
Mestre(a) em Saúde Coletiva.

Orientador (a): Prof(a).Dr(a). Dinair Ferreira Machado
Coorientador(a):Prof(a).Dr(a). Luiza Cristina Godim Domingues Dias

Botucatu
2026

A636i Antunes, Maria Luísa Bento
Interseção entre violência doméstica e obesidade na trajetória de vida de mulheres em acompanhamento ambulatorial / Maria Luísa Bento Antunes. -- Botucatu, 2026
61 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Medicina, Botucatu
Orientadora: Dinair Ferreira Machado

1. Obesidade. 2. Violência doméstica. 3. Violência contra a mulher.

Maria Luísa Bento Antunes

**Interseção entre violência doméstica e obesidade na trajetória de vida de
mulheres em acompanhamento ambulatorial**

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Botucatu, para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Banca examinadora:

Prof(a) Dr(a) Dinair Ferreira Machado
Universidade: UNESP

Prof(a) Dr(a) Elenice Bertanha
Universidade: UNESP

Prof(a) Dr(a) Erika Cardoso dos Reis
Universidade: UFOP

Data da defesa: 30/07/2026

DEDICATÓRIA

Dedico a todas as mulheres que participaram deste estudo e compartilharam suas histórias comigo. Espero que um dia o mundo seja um lugar mais justo e acolhedor para nós.

AGRADECIMENTOS

Quando entrei na pós-graduação, um dos primeiros conselhos que recebi foi que era um processo solitário: você e sua pesquisa. Sempre fui a aluna que conversava com a sala toda e gostava de estudar em grupo, então fui pega de surpresa. Realmente, a vivência foi diferente do que estava esperando e no primeiro semestre me senti sozinha e perdida. Questionei-me diversas vezes se o mestrado era para mim. E a resposta eu encontrei no apoio daqueles que nunca saíram do meu lado e que me fizeram perceber que eu nunca estive sozinha. A conquista de hoje é graças ao amor, carinho e ajuda de muitas pessoas que trilharam esse caminho comigo.

Primeiramente, não poderia ser diferente, agradeço à minha mãe Luciana, a primeira que sonhou comigo e que fez o possível e o impossível para que eu realizasse. Minha inspiração e a mulher da minha vida. Tudo que eu faço é pensando em você e sabendo que seu abraço sempre estará me esperando.

Agradeço ao meu irmão Vinícius, meu primeiro amigo, meu companheiro de risadas e desabafos, o qual tenho muito orgulho e grande honra de ser a irmã mais nova, pois aprendi muito com você.

Ao meu pai Luis Claudio, por sempre acreditar em mim e topas minhas ideias. Tivemos muitos desafios nessa vida, mas em todos os momentos você estava ao meu lado.

A minha tia Fabiana e a minha avó Darcy, que junto a minha mãe completam o time das “Estessi”: mulheres corajosas, fortes e extremamente amorosas, que abriram muitas portas para mim. A dupla que sempre me apoiou, me incentivou e que ainda hoje perguntam quando eu vou voltar para Limeira pois estão com saudades.

Ao meu parceiro Thiago, agradeço por toda a paciência, amor, carinho e apoio. Você tornou tudo mais leve e nunca deixou (por muito tempo) eu duvidar da minha competência. Seu amor me transborda.

Àqueles que cresceram comigo: Kauê, Milena e Ana Ruth. Estamos juntos há mais de 10 anos, nos transformando e aplaudindo cada conquista nossa. Em vocês eu reconheço um lar, que sempre me recebe e acolhe incondicionalmente.

Em cada conquista acadêmica, eu sempre lembro da minha avó Marise, que hoje não me acompanha mais fisicamente, mas nunca me abandonou. Agradeço por

ter decorado a tabuada comigo, por ter estudado para as provas do fundamental e não ter deixado eu faltar da aula sempre que eu pedia. Queria que você estivesse aqui, sinto sua falta todos os dias.

Agradeço imensamente à minha querida orientadora Dina, que tornou meu sonho concreto e possível, me ajudou a traçar planos e projetos, sempre acreditando em mim.

Na pós-graduação encontrei dois amigos que não fazem ideia do quanto me ajudaram: Ana Carolina e Eduardo. Nosso grupo de estudos foi um ponto de paz; nossas conversas sobre inseguranças e desafios da pós-graduação faziam com que eu me sentisse pertencente. Sempre com um sorriso no rosto e palavras de incentivo, o caminho foi mais legal por ter encontrado vocês.

Agradeço à minha amiga Vivian e nossos cafés da tarde que tornavam a vida adulta mais leve e alegre. Obrigada pelo ombro amigo, pela escuta de qualidade e pelas palavras de carinho e incentivo.

Desde a graduação, encontrei uma grande família em Botucatu, minhas irmãs da República Labirinto. Vocês estão em tudo, marcadas para sempre na minha trajetória e levo vocês para a vida toda.

Todos vocês foram um encontro na minha vida, daqueles marcantes e bonitos, e terão sempre um espaço no meu coração e nos meus agradecimentos.

Por fim, gostaria de agradecer à minha versão mais jovem que sonhou tudo que estou realizando hoje. Com 13 anos, escolhi a Nutrição e decidi que queria estudar na UNESP. Com 15 anos, vi minha mãe defender seu mestrado e decidi que queria seguir esse caminho. Depois de muitas emoções vividas e muitos desafios superados, hoje estou aqui: nutricionista e defendendo meu mestrado na UNESP. Agradeço a todas as minhas versões por não terem desistido desse sonho, que é só o começo.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Brasil. Código de Financiamento: 88887.149841/2025-00.

"O corpo é a morada da história."

– Arlette Farge

RESUMO

Introdução: A violência contra a mulher é um fenômeno social e histórico complexo, determinado por fatores culturais, sociais e econômicos. A cultura patriarcal naturaliza desigualdades de gênero e sustenta relações de poder. Apesar de avanços no reconhecimento do problema como questão de saúde pública, ainda persiste sua invisibilidade, subnotificação e impactos físicos e psicológicos relevantes, afetando profundamente a vida das mulheres. Evidências apontam associação entre violência doméstica e obesidade, mediada por estresse crônico, alterações metabólicas e padrões alimentares desregulados, incluindo maior consumo de alimentos como forma de enfrentamento emocional. A obesidade, por sua vez, é uma doença multifatorial, influenciada por determinantes biológicos, sociais e culturais, agravada por estigma corporal e desigualdades sociais. Assim, ambas as condições se articulam e exigem abordagem intersetorial e integral na saúde.

Objetivo: Analisar a relação entre obesidade e violência doméstica nas trajetórias de vida de mulheres em acompanhamento ambulatorial de obesidade.

Métodos: A pesquisa apresenta abordagem qualitativa e nos moldes da história de vida tópica. Participaram 12 mulheres com o diagnóstico de obesidade, acompanhadas em um ambulatório de especialidades. A coleta de dados se deu por entrevista individual, guiada por um roteiro semiestruturado, abordando tópicos referentes a todos os ciclos da vida, relacionando situações de violência doméstica e acesso, consumo e relação com os alimentos. As entrevistas foram transcritas e analisadas segundo a modalidade análise temática de Bardin.

Resultados: Quatro categorias foram definidas a partir da análise do conteúdo: (1) Trajetórias de violência na infância e seus efeitos persistentes, (2) Alimentação como estratégia de sobrevivência, regulação emocional e construção de sentidos ao longo da vida, (3) Estigmatização do corpo feminino e impactos na autoimagem e (4) Obesidade como marcador de vulnerabilidade e permanência em relações violentas.

Conclusões: Evidenciou-se a importância da óptica interseccional no cuidado das mulheres gordas, para garantia de uma atenção integral e equânime.

Palavras-chave: obesidade, violência doméstica, violência contra a mulher

ABSTRACT

Introduction: Violence against women is a complex social and historical phenomenon, shaped by cultural, social, and economic factors. Patriarchal culture naturalizes gender inequalities and sustains power relations. Despite advances in recognizing this issue as a public health concern, its invisibility, underreporting, and significant physical and psychological impacts persist, deeply affecting women's lives. Evidence points to an association between domestic violence and obesity, mediated by chronic stress, metabolic changes, and dysregulated eating patterns, including increased consumption of food as a form of emotional coping. Obesity, in turn, is a multifactorial disease influenced by biological, social, and cultural determinants, exacerbated by body stigma and social inequalities. Thus, both conditions are interconnected and require an intersectoral and comprehensive approach in healthcare. **Objective:** To analyze the relationship between obesity and domestic violence in the life trajectories of women receiving outpatient care for obesity. **Methods:** This qualitative study follows a topical life history approach. Twelve women diagnosed with obesity, receiving care at a specialty outpatient clinic, participated in the study. Data were collected through individual interviews guided by a semi-structured script, covering topics related to all stages of life and exploring experiences of domestic violence as well as access to, consumption of, and relationships with food. The interviews were transcribed and analyzed using thematic analysis according to Bardin. **Results:** Four categories emerged from the content analysis: (1) trajectories of violence in childhood and their persistent effects; (2) eating as a strategy for survival, emotional regulation, and meaning-making throughout life; (3) stigmatization of the female body and its impact on self-image; and (4) obesity as a marker of vulnerability and persistence in violent relationships. **Conclusions:** The study highlights the importance of an intersectional perspective in the care of fat women, ensuring comprehensive and equitable healthcare.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
1.1. Violência contra a mulher: do judiciário à Saúde Coletiva.....	11
1.2. A obesidade como indicador de vulnerabilidade para violência contra a mulher e vice-versa.....	14
1.3. A obesidade e sua complexidade como um problema de saúde pública.....	15
2. Objetivos.....	18
2.1. Geral.....	18
2.2. Específicos.....	18
3. Justificativa.....	18
4. Métodos.....	19
4.1. Desenho do estudo.....	19
4.2. Participantes.....	19
4.3. Cenário da pesquisa.....	20
4.4. Seleção das participantes.....	21
4.5. Coleta de dados.....	21
4.6. Análise de dados.....	22
4.7. Aspectos éticos.....	22
5. Resultados.....	22
6. Considerações finais da dissertação.....	46
7. Referências da dissertação.....	47
APÊNDICE 1.....	52
APÊNDICE 2.....	55
APÊNDICE 3.....	57
ANEXO 1.....	58

1. Introdução

1.1. Violência contra a mulher: do judiciário à Saúde Coletiva

A violência contra a mulher é um fenômeno social e histórico, com diferentes causas e dimensões, associados a fatores culturais, sociais, econômicos, institucionais e pessoais, que estão interligados e articulados, e assim se fortalecem e constituem a violência como um processo complexo (DINIZ e ANGELIM, 2003; LEITE *et al*, 2014). É conhecido o fato que a violência primeiro foi objeto de estudo das ciências humanas e sociais e objeto de intervenção nos âmbitos da segurança pública e do sistema judiciário, afastando o setor da saúde da sua atuação frente à esse problema (SCHRAIBER, D'OLIVEIRA e COUTO, 2009).

Outra dificuldade no reconhecimento da violência contra a mulher em sua magnitude é sua atribuição ao setor privado, perpetuada principalmente por familiares e conhecidos, sendo invisível e naturalizada no âmbito público. O movimento feminista, na década de 1970, tem grande importância no reconhecimento da violência contra a mulher como uma problema de Saúde Pública, com necessidade de intervenções intersetoriais (SILVA e OLIVEIRA, 2014).

O movimento se dedicou a entender e denunciar também que a violência contra a mulher é uma força social advinda de uma ordem patriarcal, capaz de estruturar a realidade social e que valida a desigualdade de poder entre homens e mulheres, nos espaços privados (STEVENS *et al*, 2017). Nesta ótica, é mérito do feminismo a permissão da politização da vida doméstica e problematização das práticas de violência (COSTA e SILVA, 2024).

O patriarcado, uma relação hierarquizada de poder de homens sobre mulheres, é uma das principais raízes da desigualdade de gênero e contribui para a perpetuação de uma série de práticas e normas que favorecem os homens e marginalizam as mulheres, assim como outras identidades de gênero. O patriarcado banaliza a violência contra a mulher, porque a existência desta justifica a continuidade dele (LUCENA *et al*, 2012; BALBINOTTI, 2018; MOTA e SILVA, 2019; MARONEZE, 2021).

O patriarcado constitui-se como uma forma de exploração do feminino, configurando-se na expressão material e simbólica do poder masculino. Essa dominação é legitimada por meio de instituições, legislações e preceitos religiosos, que fundamentam as condutas de homens em diversas esferas sociais — sejam

eles pais, cônjuges, familiares ou vizinhos (NAVARRO-SWAIN, 2017). Em praticamente todos os episódios em que ocorre violência contra a mulher, o agressor é homem e tal fato faz parte da lógica patriarcal de gênero (SAFFIOTI; 2015).

O gênero é uma construção social histórica, de onde se originam desigualdades entre homens e mulheres fundamentadas nas diferenças biológicas entre os grupos. Tal questão submete as mulheres a diferentes tipos de opressão, determinando padrões de comportamentos femininos e masculinos e construindo a desigualdade de gênero, que marca a sociedade contemporânea em diversos contextos, como social, econômico e político (MARONEZE, 2021; SAFFIOTI; 2015; TILIO *et al*, 2020).

Embasado neste conceito, a violência contra a mulher é colocada como um elemento estruturante das relações de gênero, onde se cria uma percepção ilusória “estática” das identidades da agredida e do agressor, tratando-as como se fossem dotadas de uma “essência” imutável. Além disso, por se manifestar de forma prejudicial e destrutiva, ela enfrenta uma resistência social e institucional ainda insuficiente, permanecendo sob um controle limitado (BANDEIRA, 2017).

Assim, os homens querem manter o controle sobre o corpo feminino e sua sexualidade, para também manter sua imagem masculina associada a cultura de honra e orgulho, vinculadas nas sociedades, e, quando esta dominação é abalada ou quebrada, a violência é utilizada como um recurso para recuperação dessa ideologia viril (MACHADO, 2016).

Atuando como uma força social, a violência, longe de ser arbitrária, desvincula o corpo de sua essência', convertendo-o em uma abstração ou reduzindo-o a um arquétipo cultural simplificado, frequentemente forjado por sistemas de normas, identidades étnicas ou convicções políticas e religiosas. Essa violência é atravessada por dimensões culturais, étnicas e de gênero. Assim como ocorre com as estruturas de poder às quais se associa, a violência precisa do corpo (BANDEIRA, 2017).

Ao longo das últimas décadas, nota-se no Brasil avanços importantes no que tange o enfrentamento da violência contra as mulheres e suas subjetividades, em todos os setores (CARVALHO, LAGUARDIA e DESLANDES, 2021). Mesmo assim, ainda é caracterizada por sua invisibilidade, atrelado a naturalização pela sociedade da superioridade masculina; os sentimentos de vergonha, medo e a falta de informação das mulheres que vivenciam a violência sobre seus direitos e,

consequentemente, a subnotificação dos casos e distanciamento dos serviços de saúde (SILVA e OLIVEIRA, 2014).

Trazendo grande notoriedade ao tema, a criação da Lei nº 11.340/2006, conhecida como *Lei Maria da Penha*, definiu a violência doméstica ou intrafamiliar - tipo de violência contra a mulher - como qualquer ação ou omissão, vinculada ao gênero, que leve à morte, lesão, sofrimento físico, psicológico ou sexual e dano moral e patrimonial, podendo acontecer dentro da casa/espço de convívio, dentro da família e/ou nas relações íntimas de afeto (BRASIL, 2006). A violência contra a mulher, a partir desse momento, passou a ser considerada um tipo específico de crime, como novas possibilidades de punição (SILVA e OLIVEIRA, 2014).

A violência contra a mulher traz consequências tanto à saúde física quanto psicológica das vítimas e afeta o processo de adoecimento e morte delas, levando a situações de exclusão, marginalização e precariedades (MOTA e SILVA, 2019). A Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher de 2025 trouxe que sete em cada 10 mulheres relataram que sua rotina cotidiana foi significativamente afetada pela violência. A violência contra a mulher é um problema de saúde pública, intersetorial - saúde, educação e segurança pública - e transdisciplinar (SILVA e OLIVEIRA, 2014).

Entendida como uma violação dos direitos humanos, a violência contra a mulher tem proporções epidêmicas no Brasil. A Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher (BRASIL, 2025a) revelou que 3,7 milhões de brasileiras sofreram algum tipo de violência doméstica no ano de 2025. Dados oficiais do Mapa Nacional da Violência de Gênero (BRASIL, 2025b), mostrou que o país mantém média diária de quatro vítimas de feminicídio - assassinato por razões de gênero - e, ao total, foram 1.568 feminicídios no Brasil (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2026). A Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher (2023) mostrou que três a cada dez brasileiras sofreram violência doméstica em algum momento da vida, cometida por homens.

Dentro desse contexto, o “lar” perde seu significado enquanto lugar simbólico de acolhimento e proteção, se transformando em um ambiente hostil e degradante, proporcionado pelo agressor e, assim, as vítimas se veem afastadas de uma vida saudável, sendo frequentemente desencorajadas a adotar hábitos que promovam o bem-estar (MOTA e SILVA, 2019; CARNEIRO *et al*, 2021).

6. Considerações finais da dissertação

Ao longo das trajetórias de vida das mulheres investigadas, constatou-se que a obesidade transcende um evento puramente biológico ou isolado. Ela se revela como um fenômeno complexo, forjado no entroncamento entre as desigualdades sociais, a violência de gênero e as experiências subjetivas de sofrimento.

A análise da obesidade como um fenômeno que atinge predominantemente as mulheres requer uma investigação sobre a convergência de opressões, como o machismo, o racismo, o classismo e o próprio preconceito contra o corpo gordo. Nesse sentido, torna-se imperativo adotar uma ótica interseccional, visto que as vivências dessas mulheres não podem ser dissociadas das estruturas sociais que as moldam. É fundamental a adoção de perspectivas multidimensionais que englobem as esferas social, cultural e psicológica, fomentando um olhar pautado no respeito e na inclusão. A construção de uma sociedade com menos violência, que trate cada corpo com a devida dignidade, depende diretamente da valorização das trajetórias individuais e do reconhecimento da diversidade de saberes.

As experiências de violência revelam efeitos persistentes, estruturando formas de relação consigo, com o corpo e com o outro. A internalização do medo, da culpa e da desvalorização aparece como elemento central na constituição subjetiva dessas mulheres, configurando vulnerabilidades que atravessam as diversas fases da vida.

No que tange à alimentação, o estudo evidenciou que a comida é utilizada como um recurso vital em cenários de fragilidade socioeconômica, além de servir como ferramenta de regulação das emoções, compensação e recompensa diante do sofrimento. Assim, o ato de comer surge como uma linguagem simbólica que comunica vivências de ansiedade, abandono, dor e frustração.

Ao evidenciar a articulação entre violência, alimentação, estigma corporal e relações afetivas, este estudo contribui para ampliar o debate sobre gênero e saúde, oferecendo subsídios para políticas públicas e práticas assistenciais que promovam cuidado baseado na equidade, na escuta qualificada e no reconhecimento da complexidade das experiências das mulheres ao longo da vida.

7. Referências da dissertação

ALMEIDA, Ana Maria Neder de *et al.* O abuso sexual como causa emocional da obesidade. In: SILVA NETO, Benedito Rodrigues da (org.). **Medicina: elevados padrões de desempenho técnico e ético**. Ponta Grossa: Atena, 2020. 10.22533/at.ed.686201111

AMPARO-SANTOS, Lígia; FRANÇA, Silvana Lima Guimarães; REIS, Amélia Borba Costa (org.). **Obesidade(s): diferentes olhares e múltiplas expressões**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Universidade do Estado da Bahia; Ministério da Saúde, 2020. 101 p. ISBN 978-65-5631-015-2.

ARAÚJO, Carolina Abreu Henn de *et al.* Associação entre violência doméstica e estado nutricional em idosos: uma revisão sistemática. **Research, Society And Development**, v. 11, n. 9, 19 jul. 2022. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.32385>

BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do machismo e patriarcado. **Revista da Esmesc**, Florianópolis, v. 25, n. 31, p. 239-264, 19 dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.14295/revistadaesmesec.v25i31.p239>.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência, gênero e poder: múltiplas faces**. In: STEVENS, Cristina *et al* (org.). *Mulheres e violências: interseccionalidades*. Brasília: Technopolitik, 2017. p. 14-35. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Mulheres-e-viol%C3%AAs-interseccionalidades.pdf>

BARBOSA, Poliany de Jesus Oliveira; CORDEIRO, Gabriela Santos; VIEIRA, Kássia Héllen. Avaliação do comportamento alimentar de mulheres com excesso de peso. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, São Paulo, v. 15, n. 92, p. 117-124, jan. 2021

BHANDARI, Pravat; PRUSTY, Ranjan Kumar; BEGUM, Shahina. Association between intimate partner violence and nutritional status among Indian women: a latent class analysis approach. **Archives Of Public Health**, v. 81, n. 1, p. 1-8, ago. 2023. <http://dx.doi.org/10.1186/s13690-023-01152-w>

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Lei Maria da Penha, Brasília, ano 185, 7 ago. 2006.

BRASIL (a). Senado Federal. Observatório da Mulher contra a Violência. **Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher 2025**. Brasília, DF: Senado Federal, 2025. Disponível em: Observatório da Mulher contra a Violência – Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher 2025

BRASIL (b). Senado Federal. Observatório da Mulher contra a Violência. **Mapa Nacional da Violência de Gênero: registros policiais: boletins de ocorrência: tipos de morte**. Brasília, DF: Senado Federal, [2023]. Disponível em: Mapa Nacional da Violência de Gênero – Registros policiais: boletins de ocorrência: tipos de morte

CARNEIRO, Joel Souza *et al.* Qualidade de vida de mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista CPAQV**, v. 13, n. 1, p. 1-10, 2021

CARVALHO, Erika Fernanda Marins de; LAGUARDIA, Josué; DESLANDES, Suely Ferreira. Sistemas de informação sobre violência contra as mulheres: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 1273–1287, 2022. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022274.08722021>

CHAUDHARY, Arun; NAKARMI, Janet; GOODMAN, Annekathryn. Association between intimate partner violence and nutritional status of married Nepalese women. **Global Health Research And Policy**, v. 7, n. 1, p. 1-14, mai. 2022. <http://dx.doi.org/10.1186/s41256-022-00248-0>

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021. 288 p. ISBN 978-65-5717-029-8. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/843831/mod_resource/content/3/Patricia%20Hill%20Collins%20-%20Interseccionalidade%20%28oficial%29.pdf

COSTA, Andrea Lopes da; SILVA, Bruna Nascimento Rodrigues da. Até aqui nos ajudou um feminismo: violência contra mulher, política institucional e feminismos negros. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, e45037, 2024. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2024.1.45037>

DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling; ANGELIM, Fábio Pereira. Violência doméstica: por que é tão difícil lidar com ela?. **Revista de Psicologia da Unesp**, Assis, v. 2, n. 1, p. 20-35, 2003.

DUARTE, Andreia Neves; QUEIROZ, Elizabeth. Mapeamento de intervenções para redução do estigma da obesidade em profissionais de saúde: desenvolvimento e apresentação da intervenção. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 34, e34023, 2024. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434023pt>

EMMER, Christine; BOSNJAK, Michael; MATA, Jutta. The association between weight stigma and mental health: a meta-analysis. **Obesity Reviews**, Hoboken, v. 21, n. 7, e12935, 2020. <https://doi.org/10.1111/obr.12935>

FERDOS, Jannatul; RAHMAN, Mosfequr. Exposure to intimate partner violence and malnutrition among young adult Bangladeshi women: cross-sectional study of a nationally representative sample. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 7, ago. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00113916>.

FERREIRA, Marcela de Freitas *et al.* Effect of physical intimate partner violence on body mass index in low-income adult women. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 1, p. 161-172, jan. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00192113>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Retrato dos feminicídios no Brasil**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2026/03/nota-tecnica-dia-mulher-2026.pdf>

FRANCO, Suelen; VIEIRA, Carla Maria; OLIVEIRA, Maria Rita Marques de. Objetificação da mulher: implicações de gênero na iminência da cirurgia bariátrica. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 3, e79438, 2022. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n379438>

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BOTUCATU (São Paulo) (org.). **Carta de Serviços**. Disponível em: <https://hcfmb.unesp.br/>. Acesso em: jun. 2025

JIMENEZ JIMENEZ, Maria Luisa. Corpas gordas: beleza e saúde, a patologização é violência. O que estamos entendendo por saúde? **CorpoGrafías: Estudios Críticos de y Desde los Cuerpos**, Bogotá, v. 13, n. 13, p. 162–175, 2026. <https://doi.org/10.14483/25909398.23505>

LAWRENCE, Samantha E *et al.* Family-based weight stigma and psychosocial health: a multinational comparison. **Obesity (Silver Spring)**, Hoboken, v. 31, n. 6, p. 1666–1677, 2023. <https://doi.org/10.1002/oby.23748>

LUCENA, Kerle Dayana Tavares de *et al.* Análise espacial da violência doméstica contra a mulher entre os anos de 2002 e 2005 em João Pessoa, Paraíba, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 6, p. 1111-1121, jun. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2012000600010>.

MACHADO, Dinair Ferreira; CASTANHEIRA, Elen Rose Lodeiro; ALMEIDA, Margareth Aparecida Santini de. A violência contra a mulher por parceiro íntimo nos serviços de Atenção Primária: da invisibilidade à medicalização. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 29, e240275, 2025. <https://doi.org/10.1590/interface.240275>

MACHADO, Lia. Zanotta. **Violência baseada no gênero e a Lei Maria da Penha**. In: BARBOSA, Theresa Karina de Figueiredo Gaudencio. (Org.). *A Mulher e a Justiça: a Violência doméstica sob a ótica dos Direitos Humanos*. 1 ed. Brasília: AMAGIS, 2016, v. 1, p. 161-175

MARONEZE, Aline Rodrigues. Patriarcado, desigualdade de gênero e violência: o papel da mulher na sociedade contemporânea. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 162-176, jan. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014

MOTA, Silvana Rodrigues; SILVA, Osvaldo Piedade Pereira da. Violência doméstica e suas consequências psicoemocionais. **Revista Eletrônica Casa de Makunaima**, Roraima, v. 2, n. 3, p. 104-113, 2019

MUKAMANA, Jeanette Iman'Ishimwe *et al.* Investigating the associations between intimate partner violence and nutritional status of women in Zimbabwe. **Plos One**, p. 1-17, jul. 2022. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0272038>.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O patriarcado rides again**. In: STEVENS, Cristina *et al* (org.). *Mulheres e violências: interseccionalidades*. Brasília: Technopolitik, 2017. p. 50-64. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Mulheres-e-viol%C3%AAs-interseccionalidades.pdf>

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). XXXVI Reunión del Comité Asesor de Investigaciones en Salud – Encuesta Multicêntrica – Salud Bienestar y Envejecimiento (SABE) en América Latina y el Caribe. **Informe preliminar**, 2002

PAIM, Marina Bastos; SELAU, Bruna Lima; KOVALESKI, Douglas Francisco. Gordofobia nos serviços de saúde e violência de gênero contra as mulheres gordas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 33, n. 1, e96405, 2025. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2025v33n196405>

PIRES, Álvaro. **Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico**. In: Poupart, Jean *et al* (org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Editora Vozes; p. 154-211, 2008.

PUHL, Rebecca M.; HEUER, Chelsea A.. The Stigma of Obesity: a review and update. **Obesity**, [S.L.], v. 17, n. 5, p. 941-964, mai. 2009. <http://dx.doi.org/10.1038/oby.2008.636>

RODRIGUES, Lorrany Santos; MIRANDA, Nayara Garcez; CABRINI, Danielle. Obesidade e interseccionalidade: análise crítica de narrativas no âmbito das políticas públicas de saúde no Brasil (2004-2021). **Cadernos de Saúde Pública**, v. 39, n. 7, mai. 2023. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311xpt240322>

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, Patriarcado e Violência. 2 ed. **Expressão Popular**: Fundação Perseu Abramo, 2015

SCHRAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas; COUTO, Márcia Thereza. Violência e saúde: contribuições teóricas, metodológicas e éticas de estudos da violência contra a mulher. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 2, p. S205–S216, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009001400003>.

SILVA, Denise Oliveira; CABRINI, Danielle. Trajetórias biográficas do aumento e excesso de peso de mulheres do Programa Bolsa Família, Brasil. **Comunicação em Ciências da Saúde**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 216-225, 2017. 10.51723/ccs.v28i02.231

SILVA, Lídia Ester Lopes da; OLIVEIRA, Maria Liz Cunha de. Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3523–3532, 2015. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.11302014>

SIQUEIRA, Bruna Barbosa *et al.* Weight stigma and health – Repercussions on the health of adolescents and adults: integrative review of the literature. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 2, p. 162-178, abr. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000324>

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, v. 37, n. 2, p. 119-126, jan. 2003. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342003000200014>

STEVENS, Cristina *et al* (org.). **Mulheres e violências: interseccionalidades**. Brasília: Technopolitik, 2017. E-book (628 p.). ISBN 978-85-92918-04-0. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Mulheres-e-viol%C3%AAs-interseccionalidades.pdf>

TILIO, Rafael de *et al.* Corpo feminino e violência de gênero: uma análise do documentário "chega de fiu fiu". **Psicologia e Sociedade**, v. 33, n. 228620, mai. 2020

VALLE, Paulo Roberto dalla; FERREIRA, Jacques de Lima. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 41, n. e49377, p. 1-21, jan. 2025. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469849377>

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Obesity: preventing and managing the global epidemic. Report of a WHO Consultation. **Geneva: World Health Organization**; Technical Report Series, nº 894, 2000

YOUNT, Kathryn M.; LI, Li. Domestic violence and obesity in Egyptian women. **Journal Of Biosocial Science**, SI, v. 43, n. 1, p. 85-99, set. 2010. <http://dx.doi.org/10.1017/s0021932010000441>.